

EDUCAÇÃO

V.8 • N.3 • 2020 - Fluxo Contínuo

ISSN Digital: 2316-3828

ISSN Impresso: 2316-333X

DOI: 10.17564/2316-3828.2020v8n3p200-217

E
INTER
FACES
CIENTÍFICAS

#FIQUEEMCASA: EDUCAÇÃO NA PANDEMIA DA COVID-19

#STAYHOME: EDUCATION IN COVID-19 PANDEMIC

#QUÉDATEENCASA: EDUCACIÓN EN LA PANDEMIA DE LA COVID-19

Edvaldo Souza Couto¹
Edilece Souza Couto²
Ingrid de Magalhães Porto Cruz³

RESUMO

No contexto da Cibercultura e da pandemia da Covid-19, o objetivo do artigo é analisar maneiras como o isolamento social é vivido e abala os brasileiros, sobretudo, no campo da educação. Por meio de uma pesquisa bibliográfica, acrescida do uso de várias reportagens na imprensa nacional e internacional, o principal argumento desenvolvido é que pessoas amparadas financeiramente e com amplo acesso à Internet vivem um isolamento social criativo. Enquanto, as que sobrevivem em situação de vulnerabilidade social e exclusão digital têm muito mais dificuldades para viver o recolhimento e se proteger do contágio de um vírus para o qual ainda não se tem vacina e nem medicamentos. O artigo conclui que as experiências Ciberculturais, especialmente, aquelas de uma educação on-line, alcançam uma parcela restrita de pessoas e aponta que os desafios para educar com tecnologias digitais ainda são imensos e precisam ser democratizados.

PALAVRAS-CHAVE

Educação. Cibercultura. Covid-19. Pandemia. Tecnologias Digitais.

ABSTRACT

In Cyberculture and Covid-19 Pandemic context, the article objective is to analyze ways how social isolation is been lived and it shakes brazilian people, mainly in education field. Through a bibliographic research, using several reports made by national and international press, the main argument developed is that financially supported people and with broad access to Internet, live a creative social isolation, while people who lives in social vulnerability situation and digital divide have much more difficulties to live the retreat and protect themselves of unknown virus contagious. This paper concludes that Cyberculture experiences, especially those that belong online education, achieve restricted portion of people and point to that our challenges to educate with digital technologies are huge and need to be democratized.

KEYWORDS

Education. Cyberculture. Covid-19. Pandemic. Digital Technologies.

RESUMEN

En el contexto de la Cibercultura y de la pandemia de la Covid-19, el objetivo de este artículo es analizar las formas en que el aislamiento social es vivido y abate los brasileños, sobre todo, en el ámbito de la educación. Por medio de una pesquisa bibliográfica, acrecida de uso de varios reportajes de la prensa nacional e internacional, lo principal argumento desarrollado es que personas favorecidas financieramente y con amplio acceso a la internet viven un aislamiento social creativo. Mientras, las que sobreviven en situación de vulnerabilidad social y exclusión digital tienen muchas dificultades para vivir la reclusión y protegerse del contagio de un virus para lo cual aún no hay vacuna ni medicinas. El artículo concluye que las experiencias ciber culturales, especialmente, aquellas de una educación en línea, alcanza una parcela restringida de las personas e indica que lo retos para educar con las tecnologías digitales aún son enormes y necesitan ser democratizados.

PALABRAS CLAVE

Educación. Cibercultura. Covid-19. Pandemia. Tecnologías Digitales.

INTRODUÇÃO

Em dezembro de 2019, na cidade de Wuhan, na China, surgiu o primeiro caso de uma doença respiratória causada pelo Coronavírus, da síndrome respiratória aguda grave. Inicialmente, acreditava-se tratar de um problema local e só em 11 de março de 2020, quando a contaminação mostrava os seus efeitos na Europa e nas Américas. No Brasil, o primeiro caso foi diagnosticado em 25 de fevereiro. A Organização Mundial da Saúde – OMS declarou que se tratava de uma pandemia e o isolamento social foi indicado como a mais eficiente estratégia para enfrentar o vírus, diminuir o ritmo de sua propagação, salvar vidas. As fronteiras entre os países foram fechadas, as atividades comerciais, espaços de lazer, escolas e universidades foram suspensas. E tudo mudou radicalmente em nossas vidas.

No contexto da Cibercultura e da pandemia da Covid-19, o objetivo do artigo é analisar maneiras como o isolamento social é vivido e abala os brasileiros, sobretudo, no campo da educação. Por meio de uma pesquisa bibliográfica, acrescida do uso de várias reportagens na imprensa nacional e internacional, o principal argumento desenvolvido é que pessoas amparadas financeiramente e com amplo acesso à Internet vivem um isolamento social criativo. Enquanto, as que sobrevivem em situação de vulnerabilidade social e exclusão digital têm muito mais dificuldades para viver o recolhimento e se proteger do contágio de um vírus para o qual ainda não se tem vacina e nem medicamentos. O artigo conclui que as experiências Ciberculturais, especialmente, aquelas de uma educação on-line, alcançam uma parcela restrita de pessoas e aponta que os desafios para educar com tecnologias digitais ainda são imensos e precisam ser democratizados.

PANDEMIAS, MEMÓRIAS E EDUCAÇÃO

Quando se constata a evidência de uma epidemia observam-se reações extremas de negação e minimização do mal ou do medo que produz visões catastróficas e apocalípticas. Mas é preciso equilibrar-se entre essas vertentes e revirar o passado, trazer à memória as formas como a humanidade enfrentou os flagelos em diferentes épocas. Os estudos da História Social, a partir da década de 1970, principalmente por meio da linha da História Cultural, se dedica a pesquisar temas como fome, peste, guerra e exige do investigador lidar com os sentimentos (angústia, medo, ódio, etc.), as crenças e os costumes. Portanto, é preciso averiguar as memórias e representações, aspectos só recentemente reincorporados ao ofício dos historiadores.

Os estudos específicos sobre as pandemias revelam que a documentação é plena de lacunas. Geralmente os registros são contraditórios, sobretudo, os números de infectados e mortos não são confiáveis. E surge a pergunta: as autoridades públicas e sanitárias querem esconder os dados, minimizar o problema ou os cuidados com os doentes e a rapidez dos enterramentos fragilizam as notificações? Também há que se levar em conta que a memória é seletiva. Após a cessação de um flagelo, normalmente, há a sensação de que é preciso esquecer os terríveis dias vividos e tocar em frente, avançar, pensar no futuro.

A primeira reação é quase sempre de perplexidade diante de um mal que avança sem controle e, em poucos dias, faz adoecer e morrer muitas pessoas. Isso, muitas vezes, explica a demora das au-

toridades públicas para adotar medidas sanitárias. Em todas as epidemias e também naquelas que, pela rápida expansão pelo mundo conhecido, passaram a ser chamadas de pandemias, vence-se essa inércia inicial por meios desesperados, como a fuga e o isolamento social.

Das pandemias que assolaram a Terra desde a antiguidade, a mais conhecida e considerada a mais destrutiva, pelo menos foi assim até 2019, foi a Peste Bubônica. Pode ser dividida em quatro pandemias: a de Justiniano (540-590), a Peste Negra (1346-1361), A grande Praga (1660) e a Peste dos Ratos (1855-1900) (CARTWRIGHT; BIDDISS, 2005, p. 36). Apesar do grande distanciamento entre os episódios, eles têm alguns pontos em comum. O início da Peste se deu pela picada de pulga em ratos e a transmissão da bactéria destes para os humanos. A praga viajava nos navios que cruzavam os mares conhecidos, aportava nos cais das cidades portuárias e tomava os rios e os caminhos terrestres em direção aos burgos e vilas do interior. As primeiras medidas eram o corte dos transportes e o confinamento da população com o fechamento das portas das muralhas. Em vão, pois o inimigo invisível penetrava as frestas.

Havia uma estreita relação entre flagelo e penúria. As epidemias acompanhavam a escassez de alimentos e a fome. Assim, não era difícil identificar a população mais vulnerável: os pobres. Além disso, o mal costumava agir no verão europeu, com temperaturas entre os 15° e 20° graus e umidade e acima dos 90%. A forma Bubônica da peste deixava seus sinais no corpo. Apareciam os bubões (gânglios linfáticos inchados na virilha, nas axilas e no pescoço), de cor negra, daí o nome mais comum da Epidemia. Outros sintomas eram detectados: língua intumescida, sede intensa, calafrios, febre, delírio, irregularidade das pulsações, dor de cabeça, perturbações neurológicas e vômito (BERLIOZ, 2002, p. 460-461).

Até o século XIX a medicina e a ciência pouco conheciam das origens da peste e das formas mais eficientes de combate. As causas eram atribuídas à poluição do ar e às emanações pútridas do solo. Os cuidados recomendados eram a limpeza dos objetos (utensílios domésticos, moedas e correspondências) com vinagre, das casas, roupas e dos corpos com perfumes fortes e enxofre. Era preciso isolar-se, pois a peste tinha complicações pneumônicas. A aristocracia fundiária fugia para suas propriedades afastadas dos grandes centros. E os pobres também fugiam. Muitas vezes se refugiavam nas florestas e grutas. Para os cidadãos, recomendava-se o uso de máscaras, em forma de cabeça de pássaro com o bico preenchido de substâncias aromáticas. O fogo, considerado purificador, deveria queimar os tecidos infectados e arder nas fogueiras acesas nas encruzilhadas das cidades (DELUMEAU, 1993, p. 110-111).

Se a pandemia de Peste Negra pode ser concentrada no século XIV, o Velho Mundo passou por vários surtos até o século XIX, portanto, o mal passou a ser endêmico. Porém, nessa longa temporalidade houve a coexistência de outras epidemias: Disenteria, Malária, Febre Amarela, Sarampo, Sífilis, Tuberculose, Cólera, Influenza, etc. Os poucos recursos médicos e científicos para enfrentar as bactérias, os bacilos e vírus muitas vezes deixavam a população sem alternativas além da fuga, do isolamento e das rezas. Acreditava-se que a peste era resultante da ira divina sobre os pecados. Por isso, são constantes as descrições de procissões com os fiéis a pedir a intercessão dos santos e a misericórdia de Deus.

Se há escassez de documentação escrita sobre as epidemias, são muitas as representações, em desenhos, pinturas e fotografias, realizadas durante ou depois dos surtos. Imagens de pessoas enfermas, máscaras, hospitais lotados, corpos empilhados e valas comuns dão a sensação de medo da repetição da tragédia e, ao mesmo tempo, a de que aquele cenário faz parte de outro tempo. Enfim, o espectador prefere confiar nos avanços tecnológicos, da medicina e das ações sanitárias e de saneamento do seu mundo atual e civilizado. Essa concepção, inclusive, fortalece a ideia de que a tríade indesejada (fome, peste e guerra) ficou no passado medieval, como uma época de trevas. A modernidade, quando os europeus se consideravam civilizados, também foi permeada pelas guerras de conquista de novos territórios e os guerreiros também adoeciam de diferentes doenças infectocontagiosas que transmitiam suas bactérias, vírus e miasmas para os povos conquistados.

Entretanto, a chegada do século XX trouxe a esperança e a confiança em dias melhores, tempos de paz, em que a população viveria em cidades salubres. Os avanços científicos faziam dos médicos e sanitaristas personagens centrais das políticas públicas para promover a saúde da população. A criação de hospitais e a pesquisa de novos medicamentos e vacinas davam certa tranquilidade. No Brasil, seguia-se o exemplo de cidades europeias, como Paris, símbolo de modernidade e civilização. Assim, Rio de Janeiro, São Paulo e Salvador passaram por inúmeras interdições na arquitetura, na ampliação das vias públicas e também nos costumes dos seus habitantes a fim de proporcionar-lhes conforto e saúde.

Surtos de Cólera, Sarampo, Tuberculose, Beribéri, Escarlatina, Difteria, Febre Tifoide, Lepra, Peste, Gripe, Varíola e Febre Amarela ainda assolavam os habitantes das grandes cidades, aglomerados em cortiços, bairros proletários e fábricas. O mundo não tinha se livrado totalmente da Peste Bubônica. E ela chegou ao Porto de Santos, em 1899, subiu a serra e se espalhou por São Paulo. A caça aos ratos movimentou as duas cidades e os meninos pobres ganhavam algum dinheiro ao entregar os animais mortos à Desinfetório Central para serem incinerados (COSTA; SCHWARCZ, 2000, p. 119-120).

Apesar da existência desses diferentes males, o Governo Brasileiro optou pelo combate da Febre Amarela e da Varíola, provavelmente em função de pressões externas, afinal, investia-se na emigração de europeus para a substituição da mão de obra escrava. Em 1904, como medida profilática, foi decretada a vacinação obrigatória contra a varíola. A medida impopular gerou revolta, pois a polícia recolhia às delegacias os resistentes que encontrassem nas ruas e os forçava a tomar a vacina (COSTA; SCHWARCZ, 2000, p. 119-121). Naquele momento, o Brasil conseguiu erradicar a Febre Amarela, mas, os ânimos da modernidade e da civilização não duraram muito. O País não foi cenário da Primeira Guerra Mundial, mas não conseguiu conter a pandemia de Gripe Espanhola, em 1918.

A gripe, doença respiratória, é conhecida desde a antiguidade, mas, por se tratar de uma combinação de doenças causadas por uma mescla de vírus de rápida mutação, torna o combate difícil, afinal não é possível criar uma única vacina com imunidade ampla. Já era considerada pandemia na Europa do século XVI, mas chamada de Peste Inglesa, por ter sua primeira aparição na Inglaterra. Entre 1729 e 1788, os surtos periódicos assolaram a Europa, chegaram ao continente americano e receberam dos italianos o nome de *influenza*. Parecia ter desaparecido na década de 1840, mas, ressurgiu em 1889 com o nome de Gripe Russa por ter aparecido primeiro em São Petersburgo. No ano seguinte já tinha contagiado pessoas em quase todo o mundo (CARTWRIGHT; BIDDISS, 2005, p. 163-165).

No verão europeu de 1918 os primeiros casos da Gripe foram detectados entre os soldados das trincheiras da I Guerra Mundial. Os sintomas foram leves, porém, o contágio foi rápido, a doença ganhou gravidade e se mostrou letal. Da febre e das dores de garganta e cabeça, o mal evoluía para pneumonia. A fome, a precariedade das condições de vida e o estresse da guerra contribuíram para a mortandade (CARTWRIGHT; BIDDISS, 2005, p. 165-167). Porém, países distantes dos palcos de confronto também foram atingidos pelo mesmo flagelo. Em setembro, a Pandemia já assolava Recife, Salvador e Rio de Janeiro. Um navio de bandeira inglesa, com pessoas infectadas a bordo, ancorou nos portos dessas cidades (SOUZA, 2009, p. 102).

Em Salvador, os jornalistas reclamavam da demora das autoridades para tomar providências. Enquanto médicos e sanitaristas pesquisavam os efeitos da doença e estabeleciam um diagnóstico, a Gripe rapidamente se disseminava na cidade. Para evitar aglomerações, os eventos (passeios às ilhas e cidades do recôncavo, festas religiosas e procissões, etc.) programados pelas instituições recreativas, de educação e irmandades religiosas, foram proibidos. Também sofreram interdições os ritos fúnebres, tão caros aos baianos e realizados com grande acompanhamento, pompa e solenidade. Proibia-se especialmente a presença das crianças nos enterros de seus amigos e parentes também pequenos, os “anjinhos”. Estavam suspensos os velórios e os enterros deveriam ser rápidos, sem amigos ou familiares (SOUZA, 2009, p. 167-168).

O isolamento e as medidas sanitárias recomendadas deveriam ser acatados por toda a população, mas havia preocupação principalmente com os espaços de maior aglomeração e contágio: escolas, fábricas/oficinas, cortiços, mercados, transportes públicos, carros mortuários, quartéis, porto, penitenciária, repartições públicas, internatos, hospícios/asilos, lojas comerciais, casas de pasto, pensões/hotéis e conventos. As regras estabelecidas determinavam o isolamento dos doentes em casa ou em enfermarias para os indigentes e os recém-chegados à cidade; desinfetar as ruas, igrejas, cinemas, teatros, cafés, açougues, bondes, trens e navios.

Houve também intensa campanha de vacinação contra *Influenza* e *Varíola*. E, como medida educativa de higiene pessoal, os jornais publicavam matérias e panfletos eram distribuídos com o conselho de se evitar escarrar e cuspir no chão. Caso fosse extremamente necessário, que se utilizassem lenços ou escarradores instalados em locais públicos. Era preciso também cuidar da higiene das casas com a instalação de aparelhos sanitários, limpeza dos quintais para retirar imundícies e conter a proliferação de moscas (SOUZA, 2009, p. 222-224). Pode parecer estranho, mas essas eram medidas conhecidas, presentes na memória de epidemias anteriores como peste e cólera.

Passados os surtos epidêmicos, o retorno às atividades cotidianas era lento e com reações que iam da cautela à busca desenfreada da realização dos desejos de consumo, seja de ar puro, produtos ou sexo. Muitas vezes houve resistência ao trabalho, forçando as autoridades a estabelecer multas e sanções ao ócio. Entretanto, essas crises não podem ser analisadas apenas como negativas. Há crescimento, mudanças de costumes e práticas educativas salutaras ao desenvolvimento das sociedades. Há avanços após o enfrentamento do caos. Pesquisas científicas descobrem novos tratamentos, remédios e vacinas para evitar e curar aquele mal. Os decretos, que impõem restrições à circulação das pessoas e as normas de higiene, podem ser educativos, com a revisão de costumes e práticas antigas

e a propagação de novos hábitos que contribuam para a saúde pública e a vivência em sociedade. E agora outro ciclo pandêmico, com a Covid-19, se abate sobre nós.

EDUCAÇÃO NA PANDEMIA DA COVID-19

O século XXI nos foi apresentado como a era das ciências e das tecnologias, uma era em que a natureza, os corpos, as sexualidades, os diversos modos de ser e viver seriam administrados racionalmente. O mundo globalizado faria circular produtos, promessas, sonhos, ideias e felicidades ao alcance de quase todos. Um mundo sem fronteiras podia enlaçar pessoas de todos os continentes. Até que o ano de 2020 chegou e coisa estava fora da ordem. Uma pandemia foi anunciada, o vírus viajou o mundo, se instalou nos corpos, milhares de pessoas ficaram gravemente doentes, o sistema de saúde de países ricos e pobres entrou em colapso, as mortes se multiplicaram, o pânico se instalou, as tão festejadas relações comerciais e pessoais foram comprometidas, as fronteiras ressurgiram e o direito de ir e vir foi bloqueado. O comércio, as escolas, as práticas esportivas, as atividades culturais, os encontros, os contatos, as conversas e os afetos foram interrompidos. Os aeroportos foram fechados, os transportes públicos pararam, as viagens e os passeios foram suspensos. As atividades escolares tiveram que ser bruscamente interrompidas. O mundo se fechou. Uma condição das pestes do passado voltou à cena: viver em isolamento social, perdidos em meios a informações contraditórias, sem uma liderança mundial ou mesmo local confiável capaz de nos orientar e guiar (HARARI, 2020);

A OMS, diversos governos e instituições indicaram o distanciamento e o isolamento social como estratégias, já historicamente conhecidas, para sobrevivermos à Pandemia e desafogar os sistemas públicos e privados de saúde e funerários, que em muitos países passaram a funcionando no limite ou já em colapso. Já foram muitas as pandemias e os períodos de isolamento social que as pessoas de diferentes épocas viveram. Mas a quarentena global que temos agora, em decorrência da Covid-19, é inédita. Em casa, vemos o mundo pelas janelas. Guardando algumas semelhanças com as do passado, algumas de nossas janelas ainda se abrem para a rua, nos mostram espaços públicos vazios por onde passou a ser contravenção circular. Entretanto, na Cibercultura, outras janelas são as muitas telas que habitam nossas casas e corpos. Nossas janelas são os diversos dispositivos eletrônicos por meio dos quais construímos a nós mesmos, administramos nossa presença num mundo globalizado.

Em experiências de pandemias passadas ficar em casa era um se resguardar rigoroso e penoso. O nosso isolamento social em andamento na Pandemia da Covid-19 tem uma natureza distinta. Nossas casas já não nos isolam do mundo. Ao contrário, com os muitos recursos e meios de comunicação em rede, nossas casas se tornaram encruzilhadas eletrônicas, são máquinas de mobilidade (VIRILIO, 2000). Então, estar em casa, agora, significa circular aceleradamente pelos ambientes do ciberespaço. Desse modo, quando usamos a expressão isolamento social, na verdade, estamos nos referindo a isolamento físico (HENRIQUE, 2020)

Sem os contatos físicos, restou a nossa condição técnica para a vida online (PRECIADO, 2020). De muitos modos, o progressivo afastamento dos contatos físicos em prol das interações digitais veio sendo fomentado nas últimas décadas. Para os já inseridos nos contextos transformadores da inclusão digital,

o nosso instante pode ser apenas um passo a mais nas redes intrincadas e fascinantes das nossas vidas já digitalizadas (CASTELLS, 2020). Esse passo a mais pode ser, por exemplo, a imediata atuação de quem vê na Internet e no comércio online as possibilidades para expandir seus negócios e lucros.

Assim como o setor comercial, o de entretenimento e turístico também passam por profundas transformações. Com cinemas, teatros, casas de shows, circos, museus, sítios arqueológicos, feiras, centros de exposições, convenções, hotéis, restaurantes e bares fechados a produção e consumo de produtos culturais entrou em crise. Hotéis fechados, transportes aéreos e terrestres reduzidos a casos emergenciais, mostram que não se pode mais percorrer as dimensões territoriais. Mas o mundo não acabou. Uma efervescência cultural jamais vista invadiu e coloriu as nossas vidas conectadas.

Nesse contexto Cibercultural, novos fenômenos animam o nosso viver plugado; as *lives*. Com uma grande variedade de estilos, muitos cantores realizam transmissões ao vivo, em plataformas como Instagram, Youtube ou Facebook. As *lives* de cantores, pelo menos dos que fazem mais sucesso nas mídias, se tornaram grandes negócios, com cachês milionários, patrocínios de grandes empresas e marcas. Ao mesmo tempo, também promovem solidariedade e arrecadam doações para hospitais e comunidades carentes. Com isso, o palco foi transferido para as telas dos *smartphones* e computadores e cada dia da quarentena conta com um cardápio formidável de apresentações online.

O fenômeno da *lives* de artistas viralizou e estimulou que pessoas não famosas, mas que tem e alimentam uma certa audiência nas redes sociais digitais, passassem também a produzir suas apresentações. Agora, de modo instantâneo, todos produzem e consomem performances nas redes. Esse tipo de apresentação passou a ocupar um lugar central na vida de milhares de pessoas conectadas. Basta um *smartphone* e qualquer um pode fazer e acontecer diante das telas e de sua audiência. Cada um tenta bater o recorde do outro em termos de números de conexões, valores arrecadados de doações, comentários no Twitter, duração das performances, etc. De muitos modos, cada um tenta chamar mais a atenção para si e seus produtos artísticos (ROCHA, 2020).

Diante do sucesso das *lives* dos artistas, profissionais de várias categorias viram nas performances online uma estratégia fascinante de visibilidade para aumentar seu capital econômico, cultural e social. Quando as luzes dos palcos no mundo inteiro se apagaram por causa da pandemia da Covid-19, as telas, sempre iluminadas, garantem que o show de cada um não pode parar. Para muito além dos programas culinários, que abundam na televisão e de *maitres* que ensinam os segredos da cozinha em canais no YouTube ou redes sociais digitais, milhares de pessoas vivendo o isolamento social em suas casas passaram a cozinhar e a transmitir suas experiências online. Todo um imenso mercado de equipamentos, produtos e técnicas se construiu rapidamente nesse setor. Agora ninguém mais é amador ou aventureiro na arte de improvisar o preparo dos alimentos. As performances na cozinha demonstram que somos todos especialistas.

É preciso cuidar bem da alimentação e da boa forma física e mental. Com as academias fechadas e as atividades físicas ao ar livre proibidas até as caminhadas foram suspensas. De uma hora para outra, os corpos, que viviam em movimentos acelerados ficaram inertes. Desde os anos 60 do século passado que estrelas do cinema e da televisão ficaram ainda mais famosas e ricas apresentando exercícios e atividades físicas nas telas para serem acompanhadas remotamente. Mas essas experiências eram sempre

limitadas e destinadas a um pequeno grupo de pessoas que não podiam sair para se exercitar. Elas eram uma alternativa para aquelas pessoas impossibilitadas de manter uma vida ativa fora dos lares.

O que vivemos agora é de outra natureza. Os corpos em quarentena correm o risco do sedentarismo. Em poucos dias as indústrias dos corpos ativos, com seus muitos profissionais, recursos e técnicas, invadiram as casas e os corpos por meio das telas. E para além dos profissionais, uma legião de amadores desponta com as mais diversas, inusitadas e excêntricas orientações para agitar o corpo, cuidar da pele e do cabelo, fazer aeróbica, musculação com objetos caseiros, pilates, meditação (CONTIJO, 2020). Profissionais e anônimos produzem incontáveis *lives* de como arrumar o cabelo e fazer a maquiagem para as reuniões e exposições online nas quais estamos compulsoriamente imersos; que roupas, sapatos e adereços combinar. Se os corpos são polifônicos, devemos oferecer em rede formatações inusitadas e sedutoras de nós mesmos. O isolamento social não pode ser pretexto para o descuido de si. A paisagem multifacetada dos corpos online é sempre mutante, volátil, em contínua construção. Como mercadorias visuais devemos bem administrar nossos bens visuais. A esse materialismo visual, como bem destacou Canevacci (2012), agrega-se de modo terrível e desregrado, alegre e incompreensível, múltiplo e indomável, os novos fetichismos irregulares das anatomias pavoneadas e exibicionistas.

O isolamento social separou muitos casais, amantes, *crushs*, amigos, modificou as paqueras e a vida sexual. Já faz um certo tempo que parte expressiva das nossas experiências amorosas e sexuais se dá por meio de aplicativos e sites. Mas muitas dessas buscas podiam resultar em encontros presenciais onde os contatos físicos ainda eram festejados. Agora, é por meio das conectividades que tantas pessoas garantem, inventam e descobrem mais prazeres sexuais. Aplicativos de paquera, conversas apimentadas e trocas de *nudes* são acompanhadas de mais fantasias, brinquedos e jogos sexuais. As *lives* de sexo se multiplicam e proliferam os discursos sobre e com imagens sexuais.

As relações online são estimuladas por governos e a OMS. No Brasil, o Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos divulgou uma cartilha em que aconselha profissionais do sexo a fazerem atendimento online. Nos Estados Unidos, a prefeitura de Nova York divulgou um guia de masturbação como melhor forma de evitar o contágio. Já os Ministérios da Saúde da Colômbia e da Argentina orientaram as pessoas a adiarem os encontros e optar pelas relações virtuais (FERREIRA, 2020). O compartilhamento de conteúdos sexuais aumentou. Segundo dados do site de conteúdo adulto Pornhub, a plataforma teve um aumento de 28,9% nos acessos no Brasil. O Twitter também registrou um aumento significativo no compartilhamento de conteúdo adulto. *Hashtags* que estimulam o compartilhamento de fotos sensuais, *nudes* ou paquera apareceram entre os assuntos mais comentados da plataforma no Brasil, nas últimas semanas (REDAÇÃO JORNAL DE BRASÍLIA, 2020). São muitos os aplicativos, sites, recursos e técnicas para excitar os corpos e obter prazer. (SANT'ANNA, 2020).

As trocas de conteúdos eróticos nas redes mostram que o sexo não precisa mais dos corpos. É um brilho efêmero nas carícias de nossas telas. As performances sexuais circulam rapidamente para o consumo veloz e arrebatador do gozo ilimitado. No nosso isolamento social, o cibersexo são artifícios e textualidades compostos por sons, imagens fotográficas e videográficas, signos diversos que se misturam, se confundem e são remixados na produção de novos produtos para diferentes sentidos

e gozos. Redes sociotécnicas cada vez mais elaboradas são destinadas às satisfações dos desejos. O sexo tende a ser cada vez mais linguagem em códigos, signos, representações e atribuições nas nossas vertigens digitais (COUTO, 2018).

Essas transmissões online assanharam e seduziram, também, milhares de professores de todos os níveis de ensino. Os congressos, seminários, conferências, bate-papos, rodas de conversas, dicas de como fazer isso ou aquilo e aulas online, que antes da pandemia eram tímidos e ainda despertavam desconfianças nos próprios profissionais da educação, passaram a ocupar um lugar central para a aprendizagem por meio das conexões, aquilo que chamamos de *app-learning*, novas experiências de formação e pesquisa (COUTO; PORTO; SANTOS, 2016).

De um instante para outro, foram anunciadas uma infinidade de atividades escolares online promovidas por professores. Aqueles professores que já são influenciadores digitais na docência e pesquisa fazem suas transmissões online por meio de seus canais, plataformas ou redes sociais digitais. Em meio ao isolamento social, esse fenômeno mobilizou e estimulou que milhares de outros professores, até então praticamente anônimos ou de pouca visibilidade nas redes, produzissem igualmente suas performances didáticas online. Uma verdadeira enxurrada de debates sobre quaisquer temas invade nossos ambientes de rede e todos se dedicam a produzir e difundir conteúdos para as aprendizagens online. As *lives* de professores reforçam a condição de que as nossas casas conectadas são espaços de ensino e aprendizagem. Governos, gestores e professores querem ocupar com tarefas escolares online pessoas que agora não podem frequentar as escolas e universidades. Nesse contexto, surge, inclusive, a “preparação live”, um festival de educação online que traz temas relacionados ao Enem, vestibulares, autoconhecimento e métodos de estudo em casa, além de dicas para o futuro no mercado de trabalho (CATRACA LIVRE, 2020).

Desse modo, professores e alunos matriculados em cursos antes presenciais, migraram para atividades educacionais em rede. Conectados, profissionais da educação produzem e distribuem conteúdos, acompanham, orientam, avaliam e estimulam seus alunos. Muitos estão repensando e recriando metodologias ativas mais sedutoras e desenvolvendo ambientes digitais mais amigáveis e com interações crescentes.

Essas mudanças ocorridas em poucos dias, tanto nas relações comerciais, quanto no entretenimento, nos cuidados corporais, afetivos e sexuais, na educação, indicam que o isolamento social não precisa ser sinônimo de sofrimento e exclusão do mundo. Ao contrário, o nosso isolamento social, marcado por essas experiências ciberculturais, para enfrentar a Pandemia da Covid-19, pode ser um isolamento criativo. Essas análises mostram que pessoas conectadas em suas casas não cessam de criar, reinventar a vida e as relações profissionais e pessoais. Conectados, sempre de modos criativos, inventamos, consumimos e geramos riquezas, fazemos circular produtos, ideias e a nós mesmos nos fluxos e nexos das redes digitais.

Tudo isso pode indicar que as coisas funcionam bem, afinal a nossa vida cibercultural, globalizada é conectiva. O nosso ciberterritório é o das mensagens, produtos, saberes e afetos que deslizam entre os terminais eletrônicos. Tudo é uma questão de transmissão e acesso. De modo prático, imediato, instantâneo e ubíquo passamos a viver e a consumir em redes de aceleração democráticas. Nosso isolamento social passa a ser sinônimo de articulações digitais que moldam nossas existências riso-

nhas e criativas. Estamos em isolamento social mas, felizmente, atrelados à velocidade das errâncias e dos nomadismos digitais.

Entretanto, essas realidades fazem parte do mundo como ele deveria ser: uma ciberdemocracia de trocas livres e igualitárias. O isolamento social criativo é para poucos, para os que têm moradias adequadas e dignas, em espaços bem urbanizados, com renda suficiente e conexão de Internet estável e veloz. A globalização agrega, mas também promove uma imensa desigualdade social, econômica, cultural e educacional para uma maioria de empobrecidos e miseráveis que experimentam, de muitas e cruéis maneiras, as renovadas formas das exclusões que empurram regiões e populações inteiras para as margens sangrentas das necessidades básicas de sobrevivência. Vivemos entre contradições políticas e econômicas, em meio a uma conjuntura globalizada adversa, agressiva e imensamente excludente (SANTOS, 2008).

A pandemia da Covid-19 escancarou as desigualdades sociais em toda parte, especialmente no Brasil. Com metade da população vivendo do trabalho informal e morando nas favelas, o fechamento do comércio e o início do isolamento social fizeram com que essas pessoas perdessem sua renda e sustento. Não sem demora, as vulnerabilidades sociais e econômicas de aproximadamente cem milhões de pessoas se tornaram chocantemente visíveis. Em desespero essas pessoas não puderam acatar as orientações do isolamento social.

As desigualdades sociais também são acompanhadas de exclusão digital. O acesso à Internet continua desigual no País. No Brasil, praticamente metade da população não tem acesso à Internet ou tem acesso limitado e instável. As desigualdades no acesso e usos da Internet em muitas áreas urbanas periféricas e zonas rurais reforçam as diferenças marcadas por vulnerabilidades sociais. Com tantas limitações para acessar e usar a Internet, estudantes das favelas não conseguem estudar (SABÓIA, 2020). A pesquisa TIC Domicílios apontou que enquanto 92% da classe média está conectada, apenas 48% da população de baixa renda, Classes D e E, têm algum tipo de acesso à Internet, quase sempre via celular (TIC DOMICÍLIOS, 2019). Os desafios para a inclusão digital ainda são imensos no País.

A pandemia da Covid-19 acentuou o drama vivido de populações pobres ou rapidamente empobrecidas. Governos elaboraram planos de auxílios emergenciais para os mais necessitados. No Brasil, em todas as regiões e cidades do País, os dramas da fome se espalharam. Ter acesso ao anunciado auxílio emergencial de aproximadamente cem dólares, por três meses, se tornou outra fonte de desespero para milhares de brasileiros. A burocracia é grande: o sistema ficou congestionado, as informações não eram compatíveis e muitos não conseguiram fazer as solicitações. Os que fizeram enfrentaram longas esperas para análise do cadastro. Em seguida, apenas um banco público foi autorizado a efetuar os pagamentos. Sem contas bancárias, semiletrados e muitas dificuldades para lidar com os sistemas eletrônicos, multidões correram para as agências bancárias. Filas imensas e pessoas aglomeradas, se expondo ao vírus, se espalharam por toda parte. As imagens do desespero e terror nas aglomerações tomaram conta dos noticiários, correram o mundo. Os casos de contaminados por Covid-19 explodiram nas periferias das grandes cidades e migraram para o interior dos estados, o sistema de saúde em muitas cidades entrou em colapso.

Outras aglomerações foram sistematicamente produzidas e estimuladas por manifestações de empresários cobrando do Governo Federal a imediata abertura do comércio e funcionamento das

escolas. O próprio Presidente da República insiste em desrespeitar as orientações da OMS, sai às ruas sem máscara ou com máscara no pescoço, toca, abraça, beija e faz *selfies* com apoiadores enquanto tosse e fala de perto às pessoas que correm para vê-lo, apoiá-lo e segui-lo. Nessas ocasiões o Presidente minimiza a gravidade da Pandemia, debocha dos doentes e mortos, ironiza familiares que choram seus mortos, faz, apoia e ressalta discursos autoritários, agride profissionais de saúde, jornalistas e instituições, ameaça o Estado Democrático de Direito e estimula os contínuos pedidos de seus apoiadores de intervenção militar no País. O Presidente do Brasil se tornou um aliado e propagador da Covid-19, desrespeita leis, desestabiliza e compromete a democracia no País.

O Brasil foi o único país que, no auge da Pandemia, trocou o ministro da saúde porque o Presidente queria alguém comprometido com o fim do isolamento social, mesmo com o caos total na saúde, aumento de pessoas doentes e mortas. A testagem continua restrita. Infectologistas dizem que os números oficiais podem ser apenas 10% do total, o que indica a subnotificação dos casos e maior gravidade da Pandemia fora de controle e em amplo crescimento. O fato é que o Ministério da Saúde e a população brasileira não sabem o número de contaminados nem o de mortes (SUBNOTIFICAÇÃO, 2020).

O isolamento social está ameaçado. Uma pesquisa em São Paulo aponta que a adesão é 47% e 57%, quando o governo paulista considera que 70% seria o número mínimo para conter a veloz disseminação do vírus (RODRIGUES, 2020). Em outras grandes cidades, nas periferias, nas regiões mais pobres e no interior o número de pessoas, especialmente os jovens, em isolamento social pode ser bem menor (MARIANNI; YUKARI; TAKAHASHI, 2020). Quanto menor é o número de pessoas em isolamento social, maior é o número de pessoas contaminadas. É preciso ainda considerar que, além de todos esses problemas para ficar em casa, nossa gente não é educada e disciplinada para construir um cotidiano de privação social. Não raro, mesmo entre os mais conectados, as visitas, almoços, jantares, aniversários e outras festas continuam a reunir familiares e amigos em diversas residências.

Cada vez mais temos pessoas cansadas, estressadas, desenvolvendo mais doenças físicas e mentais e inventando pretextos os mais diversos, diante de necessidades reais ou inventadas, para sair e circular pela cidade. O isolamento social criativo encolhe e amplia o número de pessoas reclamando das atividades online, das *lives* que perdem o encanto e passam a ser enfadonhas, do trabalho e do estudo remoto, das imensas dificuldades para resolver os problemas do dia a dia. Não por acaso grupos de professores e pais entram na justiça contra o ensino remoto (PASSOS, 2020). Tudo isso mostra que o Brasil fracassa para lidar com a Pandemia. Como destacou Schwartsman (2020), fracassamos no preparo, isto é, no isolamento social, nos testes e até na contagem dos doentes e mortos.

A Pandemia da Covid-19 também se converteu numa perigosa oportunidade para os governos, especialmente aqueles com tendências mais ditatoriais, desenvolverem estratégias e políticas de novos e mais cruéis formas de controle sobre os corpos e as sexualidades. A própria noção de contágio, segundo Agamben (2020), transforma cada sujeito num tipo de terrorista que deve ser contido para não espalhar o mal. A noção de contágio passa a ser usada por governos e empresas para restringir liberdades individuais ou discriminar ainda mais grupos historicamente marginalizados, limitar direitos e ampliar discursos de ódio contra mulheres, gays, prostitutas e até animais domésticos, como os gatos (TESTONI, 2020). As novas formas de controles podem, por exemplo, o rastrear gru-

pos populacionais por meio dos *smartphone*, ampliar a vigilância digital, com o argumento sempre suspeito de que violar dados pessoais ou de grupos específicos, manipulando algoritmos até mesmo para destinar leitos de unidade de terapia intensiva aos doentes em estado grave, tem a finalidade de salvar vidas (HAN, 2020).

CONCLUSÕES

A primeira conclusão é que as medidas emergenciais de isolar pessoas, suspender atividades comerciais e educacionais foram anunciadas sem planejamento e racionalidade. Muitas orientações conflitantes entraram em cena e serviram para desorientar e criar pânico. Sem entender direito como a doença se propagava muitos preferiram ignorá-la ou amenizar seus efeitos devastadores.

A segunda conclusão é que o isolamento social e o uso de máscaras são recursos técnicos vividos de modo muito diferente pelas populações. As condições de vida são fatores que marcam e distinguem as pessoas. As inseridas e implicadas na sociedade em rede, que vivem ativamente as organizações ciberculturais, podem enfrentar o isolamento social com mais tranquilidade e aproveitar o recolhimento para desenvolver novas ações em todos os setores das suas vidas conectadas. Para essas pessoas o isolamento social pode ser criativo e festivo. De outro lado, populações excluídas ou que vivem precariamente a inclusão digital, encontram no isolamento social mais um fator de sofrimento, vulnerabilidade social, econômica, cultural e educacional.

A terceira conclusão é que os expedientes usados para tentar salvar vidas e vencer a Pandemia são sempre educativos. Todo um conjunto de saberes é colocado em circulação para orientar e educar as pessoas, desde os métodos corretos de lavar as mãos, higienizar os alimentos, utilizar as máscaras até os comportamentos adotados quando têm que sair às ruas, ir aos supermercados, farmácias, hospitais, cemitérios. Além desses, gestores, professores, pais e alunos, desenvolvem outros esquemas para garantir o trabalho e o estudo remotos, para ampliar os limites das escolas por meio de atividades online. Mesmo diante da precária inclusão digital no Brasil e das desconfianças de muitos, a Internet se tornou a tecnologia interativa por meio da qual, de muitas e criativas maneiras, milhares de crianças, jovens e adultos continuaram e continuam a ensinar e aprender nesses tempos conturbados. Descobrimos, igualmente, que devemos cobrar mais investimento em saúde, ciência e educação.

A quarta conclusão é que devemos estar atentos e preocupados com as novas formas de políticos ditatoriais que se aproveitam da Pandemia para desenvolver outras artimanhas de controles dos corpos e das sexualidades, com as restrições de liberdade e perdas de direitos sociais, profissionais e pessoais, que comprometem a cidadania e a democracia. Devemos evitar a tentação dos governos de usar o atual estado de exceção, criado pela Pandemia, para implantar paradigmas de vigilâncias e controles nunca vistos sobre as pessoas e a sociedade. O enfrentamento desse risco é ato político e todo ato político deve promover o bem-estar e a autonomia das populações, educar democraticamente para as liberdades.

Quem puder, fique em casa. Vai passar e, em breve, viveremos o tempo festivo dos encontros e abraços fraternos, para além dos nexos, redes e vertigens digitais.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, G. Contágio. In AMADEO, P. (Éd.) **Sopa de Wuhan**. Madrid: ASPO (Aislamiento Social Preventivo y Obligatorio), 2020, p. 31-33.

BERLIOZ, J. F. In: LE GOFF, J; SCHMITT, Jean-Claude. (coord.). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. Bauru – SP: EDUSC; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2002, p. 457-471.

CANEVACCI, M. Corpos polifônicos e tecnologias digitais. In. COUTO, E. S. e GOELLNER, S. V. (Org.) **O triunfo do corpo: polêmicas contemporâneas**. Petrópolis: Vozes, 2012, p. 33-64.

CARTWRIGH, Frederick F.; BIDISS, Michael. **Grandes pestes de la História**. Buenos Aires: El Ateneo, 2005.

CASTELLS, M. Resed. **La Vanguardia**, 18/04/2020. Disponível em: <<https://www.lavanguardia.com/>> Acesso em: 30 abr 2020.

CATRACA LIVRE. 'Preparação Live': timaço de professores faz festival de educação online. 27/04/2020. Disponível em: <<https://catracalivre.com.br/educacao/festival-online-educacao/>> Acesso em: 3 maio 2020.

CONTIJO, J. Isolamento social: a importância de cuidar da pele e do cabelo em tempo de estresse. **Estado de Minas**, 17/04/2020. Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/bem-viver/2020/04/17/interna_bem_viver,1138781/isolamento-social-a-importancia-de-cuidar-da-pele-e-do-cabelo-em-temp.shtml> Acesso em: 4 maio 2020.

COSTA, A. M. da; SCHWARCZ, L. M.. **1890-1914: No tempo das certezas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000 (Virando Séculos).

COUTO, E. S Cibersexo no contexto da educação. In MILL, D. (Org.) **Dicionário crítico de educação e tecnologias e de educação a distância**. Campinas: Papyrus, 2018, p. 94-98.

COUTO, E. S; PORTO, C; SANTOS, E. (org.) **App-learning: experiências de pesquisa e formação**. Salvador: EDUFBA, 2016.

DELUMEAU, J. **História do medo no Ocidente: 1300-1800, uma cidade sitiada**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

FERREIRA, I. **Cartilha do sexo na quarentena é lançada em NY: 'Você é o seu parceiro mais seguro'**. Disponível em: <<https://www.hypeness.com.br/2020/03/cartilha-do-sexo-na-quarentena-e-lancada-em-ny-voce-e-o-seu-parceiro-mais-seguro/>> Acesso em: 2 maio 2020.

HAN, B. La emergencia viral y el mundo de mañana. In AMADEO, P. (Éd.) **Sopa de Wuhan**. Madrid: ASPO (Aislamiento Social Preventivo y Obligatorio), 2020, p. 97-112.

HARARI, Y. N. **Na batalha contra o Coronavírus, faltam líderes à humanidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

HENRIQUE, T. Covid-19 e a Internet (ou Estou em isolamento social físico). **Revista Interfaces Científicas - Humanas e Sociais**, V.8 • N.3 • 2020. Disponível em: <<https://periodicos.set.edu.br/index.php/humanas/article/view/8713>> Acesso em: 4 maio 2020.

MARIANNI, D; YUKARI, D; TAKAHASHI, F. Quarentena de jovens em áreas ricas é 7 vezes maior do que nas mais pobres em SP. **Folha de São Paulo**, 01/05/2020. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/05/quarentena-de-jovens-em-areas-ricas-e-7-vezes-maior-do-que-nas-mais-pobres-em-sp.shtml>> Acesso em: 1 de maio 2020.

MORIN, E. Cette crise devrait ouvrir nos esprits depuis longtemps confinés sur l'immédiat. **Le Monde**, 19/04/2020. Disponível em: <<http://lireactu.fr/source/le-monde/80df7764-dea6-4463-a291-d8fc560ebc7f>> Acesso em: 28 abr 2020.

PASSOS, U. Professores e pais acionam Justiça contra ensino remoto. **Folha de São Paulo**, 03/05/2020. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/05/professores-e-pais-acionam-justica-contr-ensino-remoto.shtml>> Acesso em: 3 maio 2020.

PRECIADO, P. B. Aprendiendo del virus. In AMADEO, Pablo. (Éd.) **Sopa de Wuhan**. Madrid: ASPO (Aislamiento Social Preventivo y Obligatorio), 2020, p. 163-185.

REDAÇÃO JORNAL DE BRASÍLIA. **Divulgação de conteúdo adulto cresce durante isolamento social**. Disponível em: <<https://jornaldebrasil.com.br/nahorah/divulgacao-de-conteudo-adulto-cresce-durante-isolamento-social/>> Acesso em: 2 maio 2020.

ROCHA, C. Como as lives se tornaram centrais para os artistas da música. **Nexo Jornal**, 09/04/2020. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2020/04/09/Como-as-lives-se-tornaram-centrais-para-os-artistas-da-m%C3%Basica>> Acesso em: 2 maio 2020.

RODRIGUES, A. Isolamento social sobe de 47% para 57% em SP, diz gestão Doria. **Folha de São Paulo**, 11/04/2020. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/04/isolamento-social-sobe-de-47-para-57-em-sp-diz-gestao-doria.shtml>> Acesso em: 2 maio 2020.

SABÓIA, G. Sem internet, estudantes de favelas não conseguem se preparar para o Enem. UOL, 28/04/2020. Disponível em <<https://educacao.uol.com.br/noticias/2020/04/28/sem-internet-estudantes-de-favelas-sofrem-com-preparacao-online-para-enem.htm?cmpid=copiaecola>> Acesso em: 20 abr 2020.

SANTA'ANNA, E. **Virtual, mas bem real, sexo online mexe com cotidiano das quarentenas.** Disponível em: <<https://www.folhape.com.br/noticias/noticias/coronavirus/2020/04/13/NWS,136965,70,1668,NOTICIAS,2190-VIRTUAL-MAS-BEM-REAL-SEXO-ONLINE-MEXE-COM-COTIDIANO-DAS-QUARENTENAS.aspx>> Acesso em: 2 maio 2020.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal.** Rio de Janeiro: Record, 2008.

SCHWARTSMAN, H. Brasil Fracassa na pandemia. **Folha de São Paulo**, 01/05/2020. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/helioschwartzman/2020/05/brasil-fracassa-na-pandemia.shtml>> Acesso em: 4 maio 2020.

SOUZA, C. M. C. de. A gripe espanhola na Bahia: saúde, política e medicina em tempos de epidemia. Salvador: EDUFBA, 2009.

SUBNOTIFICAÇÃO: 4 indicadores de que há mais casos de covid-19 no Brasil do que o governo divulga. G1, 29/04/2020. disponível em <<https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/04/29/subnotificacao-4-indicadores-de-que-ha-mais-casos-de-covid-19-no-brasil-do-que-o-governo-divulga.ghtml>> Acesso em: 3 maio 2020.

TIC DOMICÍLIOS. **Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos domicílios brasileiros.** Comitê gestor da internet no Brasil. São Paulo, 2019. Disponível em: <https://www.cetic.br/media/docs/publicacoes/2/12225320191028_tic_dom_2018_livro_eletronico.pdf> Acesso em: 4 maio 2020.

TESTONI, M. Como na peste negra, Covid-19 põe em risco homossexuais, prostitutas e gatos. **Uol**, 03/05/2020. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2020/05/03/como-na-pestre-negra-covid-19-poe-em-risco-homossexuais-prostitutas-e-gato.htm?cmpid=copiaecola>> Acesso em: 4 maio 2020.

VIRILIO, P. **A velocidade de libertação**. Lisboa: Relógio D'Água, 2000.

WERLANG, S. Liberdade individual e isolamento forçado. **Folha de São Paulo**, 27/04/2020. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/04/liberdade-individual-e-isolamento-forcado.shtml>> Acesso em: 27 abr 2020.

Recebido em: 3 de Maio de 2020

Avaliado em: 5 de Maio de 2020

Aceito em: 7 de Maio de 2020



A autenticidade desse artigo pode ser conferida no site <https://periodicos.set.edu.br>

1 Doutor em Educação (UNICAMP), Professor Titular na Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Líder do Grupo de Pesquisa Educação, Redes Sociotécnicas e Culturas Digitais (EDUTECH-UFBA/CNPq) e um dos coordenadores do grupo Educação, Comunicação e Tecnologias. (GEC-UFBA/CNPq) Bolsista de produtividade em Pesquisa do CNPq. E-mail: edvaldo@ufba.br

2 Doutora em História pela Universidade Estadual Paulista (UNESP, campus de Assis - SP); Professora Associada do Departamento de História da Universidade Federal da Bahia (UFBA), onde leciona História Medieval e História das Religiões. Dedicou-se à pesquisa sobre o Cristianismo. edilece@ufba.br

3 Bacharel em Direito (UNIT). Foi Bolsista de Iniciação Científica de 2016 a 2017 (PIBIC/UNIT/CNPq). Tem se dedicado ao estudo dos Direitos Humanos em uma perspectiva multidisciplinar. Componente do Grupo de Pesquisa Educação, Redes Sociotécnicas e Culturas Digitais (EDUTECH-UFBA/CNPq). E-mail: ingridporto.cruz@gmail.com



Este artigo é licenciado na modalidade acesso abertosob a Atribuição-Compartilha Igual CC BY-SA